

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

ENTRE DIFICULDADES E SUPERAÇÕES: PENSANDO A LUTA COLETIVA DE TRABALHADORES DESEMPREGADOS A PARTIR DA FORMAÇÃO DE UM MOVIMENTO SOCIAL

Giuliana Franco LEAL¹

RESUMO: Este artigo traz uma análise de dificuldades e potencialidades para a atuação de um movimento de trabalhadores em situação de desemprego e trabalho precário, a partir de uma pesquisa qualitativa sobre a formação do Movimento de Trabalhadores Desempregados do Rio Grande do Sul, levando em conta o contexto histórico de sua formação e desenvolvimento, as motivações de seus militantes e de sua base e as características das pessoas que o compõem.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho. Desemprego. Trabalhadores desempregados. Luta de classes. Movimento social.

Introdução

No final da década de 1990, quando o Brasil enfrentava altos índices de desemprego, de trabalho informal e de formas precárias de inserção laboral, formou-se, no estado do Rio Grande do Sul, um Movimento de Trabalhadores Desempregados (MTD-RS). Neste artigo, a partir de uma pesquisa qualitativa sobre sua formação, analisam-se dificuldades e potencialidades para a atuação de um movimento de trabalhadores em situação de desemprego e trabalho precário.

As considerações aqui apresentadas foram elaboradas a partir de pesquisa com este movimento, que vem construindo uma entre as muitas possíveis lutas coletivas de trabalhadores desempregados, com opções específicas de reivindicações e com participantes caracterizados por um perfil próprio. Não cabe, portanto, generalizar conclusões sobre este movimento para o conjunto das lutas potenciais de todos os trabalhadores desempregados. Mas trata-se de um bom ponto de partida para pensar a potencialidade dessa luta.

O MTD tem se organizado em vários estados brasileiros, como Bahia, Rio de Janeiro e, mais recentemente, São Paulo. O movimento recebeu o foco principal das atenções desta pesquisa em sua organização no Rio Grande do Sul por ter sido pioneiro neste estado e também por ter conseguido ali um reconhecimento de suas propostas, o qual desembocou em conquistas

¹ UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Macaé - RJ - Brasil. 20211-110 - giulianafrancoleal@yahoo.com.br

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

concretas como as frentes de trabalho e os assentamentos rururbanos (embora não tenha sido o único estado onde isso aconteceu), tendo hoje cerca de 1200 militantes.

A pesquisa contou com dez entrevistas semiestruturadas com militantes do MTD-RS, além de várias conversas informais com membros do movimento, sejam considerados militantes ou parte da base, nos municípios de Porto Alegre, Gravataí e Eldorado do Sul. Além disso, foi possível observar e participar de reuniões de núcleos (organizações por bairro).

Com base em Thompson (1984), que analisou a formação da classe trabalhadora inglesa no processo de luta de classes, consideramos que os valores e as ações dos sujeitos sociais vão se modelando pelas experiências vividas e pelas percepções das mesmas e do mundo em que se vive. Assim, nossa compreensão do MTD-RS não se baseia numa ideia normativa sobre como o movimento deveria se construir, mas na observação da maneira como sujeitos sociais concretos constroem e reconstróem o movimento, por meio de sua prática cotidiana, ao mesmo tempo em que transformam a si mesmos.

Avançar na compreensão das dificuldades e das potencialidades encontradas pelo movimento exige conhecimento e reflexão sobre a sua história, sendo sua formação um momento-chave. Assim, investigamos em qual contexto histórico e a partir de quais motivações de seus militantes e de sua base o movimento se construiu, quais são as características das pessoas que o compõem, quais problemas encontraram em seu início, quais superaram e como o fizeram, quais foram suas primeiras conquistas, como estas foram interpretadas, quais embates internos se processaram.

A formação do MTD no Rio Grande do Sul

Na década de 1990, os altos índices de desemprego e de trabalho informal e precário no Brasil eram parte, de acordo com Leite (2009), de um processo de desestruturação do mercado de trabalho, que perpassou vários setores de atividade econômica, revitalizando antigas formas precárias de inserção nas relações de trabalho. Esse processo de diminuição do trabalho assalariado formal tinha esse iniciado com a crise econômica dos anos 1980 e acentuou-se, na década seguinte, em virtude da abertura da economia, dos cortes dos gastos sociais pelo Estado e do processo de reestruturação produtiva e flexibilização do trabalho, somados às baixas taxas de crescimento econômico.

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

A esquerda brasileira encontrava-se, naquele momento, em plena crise. No fim dos anos 1970 e início dos 80, o sindicalismo ganhou novos ares, mais combativos, formou-se o Partido dos Trabalhadores (PT) como um partido de agregação da esquerda, e movimentos sociais se fortaleceram em lutas por melhores condições de vida e pela democratização da sociedade brasileira. Mas na década de 1990, como descreve Ferraz (2010), o sindicalismo encontrava-se na defensiva frente aos avanços da reestruturação produtiva, e o PT se burocratizava.

Foi nessas circunstâncias que um movimento de trabalhadores desempregados começou a ser gestado a partir de um projeto de pessoas que militavam em outros espaços, como a Pastoral Operária da Igreja Católica, sindicatos e movimentos sociais de luta por moradia e por terra para trabalho. A Consulta Popular, como um espaço de articulação de militantes de vários movimentos sociais, teve um importante papel na origem do MTD.

Nas entrevistas com militantes atuantes desde a formação do movimento, fica claro que a sua opção por se reunir em torno da luta pelo trabalho não vêm da sua própria condição no mercado de trabalho, pois boa parte deles sequer era ou se considerava como desempregados. A motivação central era a luta por justiça social. Nesse embate, o trabalho parecia ser uma questão essencial por estar no centro da luta de classes, além de ser um fator tão presente na vida da imensa maioria das pessoas e que se presta, em suas várias faces e tensões, a mobilizações continuamente renovadas. Por fim, naquele momento de alto índice de desemprego, parecia necessária uma luta para assegurar uma vida mais digna aos trabalhadores que perdiam seus empregos ou que, já desempregados, não viam uma solução para os seus problemas.

Assim, a partir de uma decisão inicial de um grupo de militantes de outros movimentos, procurou-se, por meio de militância em bairros periféricos, a adesão de uma base que desse consistência ao movimento e o fizesse crescer.

A participação e o medo

O ingresso no movimento, para boa parte de seus membros, exige a superação do medo de se engajar numa associação desse tipo. Tais temores têm em suas raízes uma tendência geral na sociedade brasileira (assim como nas demais sociedades ocidentais do século XXI) para tratar as questões sociais como problemas a serem resolvidos pelo mercado e pelos indivíduos.

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

A imprensa contribui de modo peculiar para que essa visão de mundo se alastre e se enraíze nas consciências. Um dos pontos fortes de ataque aos movimentos sociais está em associar a reivindicação à atitude de esperar que o governo dê aquilo que não se conquistou, mas que poderia ser alcançado pelo trabalho individual. Machado (2009), autora de pesquisa sobre o MTD, ao conversar com os moradores dos barracos de madeira situados no entorno do assentamento rururbano de Gravataí, percebeu um preconceito geral contra o MTD, com a constante caracterização de seus membros como vagabundos, baderneiros e pessoas que “querem pegar o que é dos outros”.

Outro ponto importante de ataque aos movimentos sociais está em associá-los à violência. Na pesquisa de campo, revelou-se a presença desse tipo de pensamento nas mentes dos próprios trabalhadores pertencentes ao MTD, em relação a outros movimentos sociais, em especial o MST. Vejamos o depoimento de uma coordenadora de núcleo:

O [militante do MTD] e mais alguém que estava organizando o acampamento foi, convidou minha irmã que morava comigo pra vir acampar. E no começo eu fiquei meio assim, porque pra mim, bandeira vermelha, eu achava que era o MST, e eu tinha muito medo do MST. [...] Porque a gente sempre vê propaganda na televisão que o MST fez isso e fez aquilo. Então eu tinha medo. Eu fiquei uma semana, acho, sem procurar [a irmã], aí ela veio em casa e eu fui atrás dela. Aí eu cheguei aqui, vi o jeito que ela estava, que ela participava. Aí já vim participar (Militante do MTD, informação verbal).

O medo de entrar em confronto com a polícia também pode se constituir num empecilho à participação no movimento. O depoimento de uma das militantes associa esse medo à subserviência historicamente criada no povo brasileiro. Para além disso, a tendência à auto-preservação, inerente ao ser humano, já engendra o receio do confronto físico.

A repressão policial está presentes nas memórias e se expressa nas falas. Esse tema apareceu, de modo muito forte, em uma dinâmica acompanhada, durante a pesquisa de campo, em uma reunião do núcleo da Ilha das Flores. Quando perguntadas sobre as coisas das quais tinham medo, uma das senhoras presentes falou que tinha medo da polícia, e várias concordaram. Ela comentou que a família costuma lhe perguntar: “Por que você participa desse movimento? Eles fazem baderna!”. A mesma senhora disse que seu temor aumenta quando o MST está junto com eles em uma manifestação, porque seus integrantes levam facas e foices, instrumentos que a polícia vê como armas e se constituem em mote para o início de “confusões”. Em conversa posterior com a militante que acompanha esse núcleo, ela comentou como é difícil desconstruir

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

essa ideia, propagada pela mídia, de que os movimentos são baderneiros ou violentos, e que alguns membros do MTD acabam se aceitando como movimento pacífico, mas transferindo o estereótipo de baderneiros para participantes de outros movimentos.

Porém, ao mesmo tempo em que representa um problema para as pessoas participarem das ações, o enfrentamento é um momento marcante da luta, no qual os membros do movimento afirmam, por vezes, sua identidade. Na reunião mencionada, a continuação da discussão sobre o medo da polícia desembocou em uma narrativa interessantíssima sobre uma situação de conflito com a polícia pela qual aquelas mulheres passaram alguns anos antes – e que ilustra essa construção do pertencimento ao movimento.

Nesse episódio, houve um protesto contra a falta de providências do poder público ao alagamento da região, somado a outras reivindicações da pauta do MTD. Os manifestantes fecharam a estrada que margeia o bairro. Como contaram as senhoras, a polícia interveio, prendeu um militante numa viatura e ameaçou bater em quatro mulheres. Em resposta à detenção do companheiro, duas delas subiram em uma ambulância e algumas balançaram a viatura, até que ele fosse solto. Uma das moças presentes na reunião contou rindo que foi uma das ameaçadas pela polícia com um cassete, e como enfrentou os policiais. Essa narrativa foi acompanhada de risos e de comentários das demais mulheres sobre sua participação no episódio.

Na narração dessa história, vemos orgulho de pertencer ao movimento, união entre as pessoas que participam dele e a descoberta da própria coragem por essas mulheres, justamente na situação de enfrentamento. É a consciência se construindo na luta, tal como vemos na teoria de Thompson (1984).

Talvez seja justamente a identidade de grupo e a coragem de lutar, antes adormecida, porém aflorada na coletividade, que fazem com que várias pessoas entrevistadas, inclusive as que não vinham de trajetórias de militância política anteriores ao movimento, digam que gostam de “ir pras lutas” ou que uma das coisas que as motivam a continuar no MTD é o fato de gostarem “das ações”. Nesses momentos, elas se sentem ativas, sujeitos da sua história.

No dia-a-dia das lutas, inclusive as mais cotidianas, a unidade do grupo se forma, quando existem atividades conjuntas. Especialmente nos depoimentos de duas integrantes da base do movimento, quando falam sobre o tempo do acampamento, percebe-se saudosismo, ainda que este período tenha sido marcado por muitas dificuldades e sofrimentos. Essas saudades desse tempo expressa-se e justifica-se pelo fato de que, naquela situação, “era todo mundo junto”: havia

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

horta comunitária, as pessoas preparavam e faziam junto suas refeições e, quando havia comemorações, todos eram convidados.

Esse achado empírico ilustra uma dinâmica percebida por Axel Honneth (2003): a participação em um movimento social pode significar, para os indivíduos, uma maneira de vivenciar experiências de solidariedade e de reconhecimento que não são vividas fora dali. No caso dos trabalhadores desempregados, a luta não é apenas objetiva, por oportunidades de trabalho. Quem participa dessa luta quer ser reconhecido como tendo seu lugar na sociedade, como portador de direitos, como sujeito atuante na luta pelo seu próprio destino.

Observe-se que não se trata de sujeitos estáticos, mas de sujeitos em transformação. Thompson (1984), ao analisar a formação da classe operária na sociedade inglesa, mostrou que é na luta de classes que se formam as próprias classes e sua consciência. Embora as condições materiais, objetivas, devam ser consideradas, não existe um projeto de classe previamente demarcado: é na práxis que tal projeto se constrói. Podemos generalizar esse argumento para categorias mais específicas: as identidades coletivas e os projetos se forjam na mesma medida em que se dão sua organização e sua luta coletiva.

Mas se em protestos como aqueles citados, os membros do movimento conseguem enxergar uma luta concreta, contudo essa visualização prática da luta não é sempre tão evidente no cotidiano, e talvez esta seja uma das dificuldades do movimento, com pessoas da base se afastando dele quando os momentos de visibilidade da luta são mais esparsos e menos intensos.

Características, contradições e lutas do MTD

A luta do movimento não seria, a princípio, por emprego, mas por um trabalho não explorado nem alienado, ou seja, alternativas de trabalho emancipado, dentro de uma tendência socialista que nega o trabalho como mercadoria. Assim, duas propostas principais atravessam a história do MTD-RS: a formação de grupos de produção autogestionários – cujos delineamentos vão se aprimorando das proposições iniciais de programas coletivos de trabalho até o projeto mais recente de pontos populares de trabalho² – e os assentamentos rururbanos, nos quais se

² Os programas coletivos de trabalho visavam criar grupos de trabalho e produção, contando com uma bolsa-auxílio para a formação destes. Os pontos populares de trabalho representaram um aperfeiçoamento do projeto inicial, incluindo aquisição de equipamentos e materiais de trabalho, espaços para as atividades, e dando ênfase ao seu caráter político-pedagógico, com um programa educacional que tem em seu eixo a gestão (administração,

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

unem espaço para moradia, para produção agropecuária familiar e para produção (agrícola ou não) para o mercado, em localização urbana. Além dessas propostas, cestas básicas ou frentes de trabalho emergenciais são reivindicadas para satisfazer necessidades emergenciais.

Para discutir as características do MTD-RS, podemos usar como estratégia analisá-lo à luz dos três requisitos identificados por Touraine (1997) como característicos dos movimentos sociais: identidade, adversário e meta.

O MTD apresenta, a princípio, uma identidade centrada na condição de trabalhador desempregado. Em todas as entrevistas, os membros do movimento se identificam como trabalhadores e colocam como eixo comum de sua luta a superação do desemprego, para si e para os demais.

O adversário a enfrentar, porém, não é claro. Os empresários responsáveis pelas demissões seriam os opositores? Ou seriam também aqueles possíveis empregadores que não contratam? Poder-se-ia generalizar para as empresas capitalistas em geral? Ou os governos são os culpados, por não criarem políticas de geração de emprego? Ainda mais em tempos de globalização, fica difícil visualizar contra quem se está lutando, já que grandes corporações multi e transnacionais ditam os moldes da reestruturação produtiva e o capital financeiro, descentralizado, é responsável por variações na economia que fazem aumentar ou diminuir o desemprego. Embora, por princípio, o MTD-RS se dirija contra o capitalismo (subtendendo-se que tenha nos capitalistas seus adversários maiores), suas reivindicações se dirigem ao Estado ou, mais diretamente, a governos (em suas instâncias municipal e estadual, principalmente, ou federal). A ausência de clareza sobre contra quem se está lutando pode ser um problema sério para um movimento social. Como atingir os adversários se sequer é fácil defini-los?

Quando se pensa nas metas do movimento, começa-se a entrever uma cisão entre lideranças e base: superar o desemprego é um objetivo consensual, mas superar o trabalho explorado e alienado, embora constitua um objetivo para as lideranças, não necessariamente é uma meta para os trabalhadores da base, pois muitos deles têm como aspiração conseguir se inserir no mercado de trabalho como assalariados. Segundo uma militante:

As pessoas se afastam, 90% quando elas conseguem um trabalho fixo, com carteira assinada, que essa é uma coisa que as pessoas lutam muito. Inclusive eu

contabilidade, relações políticas e humanas etc.), a produção (com questões técnicas e de qualidade do produto) e o social (trabalhando também com a constituição histórico-social do povo brasileiro e as lutas sociais) (FERRAZ, 2010).

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

achei interessante quando eu fiz uma dinâmica, uns dois meses atrás, numa formação, com todo o coletivo, toda a base de Pelotas. E a gente partiu do sonho: qual é o seu sonho? [...] E a grande maioria [respondeu] primeiro o trabalho, que esse é o sonho: o trabalho. Aí eu: tá, mas o que é esse trabalho? E a grande maioria: é ter carteira assinada, ter os direitos garantidos, chegar e saber que eu vou ter uma aposentadoria, chegar e saber que eu tenho um auxílio-desemprego, foram falando várias coisas assim (Militante do MDT, informação verbal).

Aliás, um dos motivos de desistência de participar do movimento é o fato de se conseguir um emprego formal ou outro tipo de trabalho. No caso das pessoas que têm como objetivo conseguir um emprego formal e veem nas propostas do movimento uma segunda opção de sobrevivência, o que pode ser uma questão central, para além da saída do MTD em caso de alcançar o trabalho desejado, é a falta de identidade com o movimento, suas propostas e seus objetivos. Esta questão também está posta em outras situações como, por exemplo, quando o objetivo imediato de sujeitos que acamparam para conseguir um lote em um assentamento rururbano é somente um espaço para moradia, mas não o tipo de trabalho proposto pelo movimento.

Não é porque está no assentamento que todo mundo é do MTD, tipo assim, enquanto identidade. As pessoas vieram, se assentaram, até são, mas tem uns que afloram mais, “eu sou do MTD, vou lá”. E outros, não, “eu sou, mas... eu moro no assentamento e tal, mas...”, não sei explicar, não tem um pertencimento tão... São do movimento, valorizaram que foi uma luta e tal, mas [...] cumpriu a função [para] que foi acampar, por exemplo. E tem pessoas que não percebem que tem outras coisas, que a luta é permanente, que aquilo foi só *uma* conquista, é um processo. (Militante do MDT, informação verbal).

Essa diferença se explica pela própria composição do MTD. Enquanto os primeiros militantes, e vários outros que se juntaram depois, viam no movimento a possibilidade de continuação de uma militância voltada para a luta por um ideal de trabalho emancipado, a base do movimento vinha de outra realidade: em sua maioria, compunha-se – e continua a se compor, cada vez mais – por pessoas que nunca tiveram experiências de trabalho formal ou que tiveram pouca experiência nesse sentido e que viam no movimento uma possibilidade de conseguir um meio, via trabalho e conquista de direitos, para sobreviver ou viver melhor, mas que não necessariamente partilhavam de uma visão de mundo socialista ou tinham um histórico de militância partidária, sindical ou em movimentos sociais.

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

Quando perguntadas sobre os motivos pelos quais entraram no movimento, várias mulheres que constituem sua base – as quais não fizeram parte daquela articulação prévia ao movimento, mas se juntaram a ele a partir de suas experiências de vida nos bairros onde moram – responderam que iniciaram sua participação como uma tentativa a mais para melhorar suas condições de vida. Isso se vê, por exemplo, nos depoimentos abaixo, de duas coordenadoras de núcleos de bairros:

[Entrei no MTD porque] eu estava desempregada tinha um bom tempo, não tinha estudo que eles [possíveis empregadores] pediam, meu marido estava desempregado, eu tinha que fazer alguma coisa e buscar meus direitos (Coordenadora 1, informação verbal).

Estava parada há muito tempo e precisava de dinheiro, então comecei a participar. Agora eu estou trabalhando [informalmente], mas eu continuo porque a sacola [cesta básica] ajuda e eu gosto das ações (Coordenadora 2, informação verbal).

A base do movimento, segundo pesquisa de Machado (2009) sobre os sujeitos que a compõem no assentamento rururbano de Gravataí (RS), é formada majoritariamente por pessoas que estão recorrentemente fora do mercado de trabalho formal, em situações de pauperismo e precariedade, com baixas escolarização e qualificação profissional. Nos dois núcleos e nos dois assentamentos visitados em nossa pesquisa de campo, os coordenadores confirmaram este perfil para o conjunto do movimento no estado do Rio Grande do Sul, bem como a composição majoritária por mulheres e jovens (com exceção de Bagé, onde há mais homens).

Desde sua formação, o MTD-RS teve que conviver com uma contradição interna. Baseando-se no paradigma marxista, o movimento tem, como seus sujeitos, membros da classe trabalhadora, em uma prática de luta de classes que, na visão de suas lideranças, visa reformas, a curto prazo, e uma revolução socialista, a longo prazo. Porém, o MTD trabalha com um grupo de pessoas que, mesmo de certos pontos de vista marxistas (aqueles que entendem essas pessoas com relações sempre frágeis e intermitentes com o mercado de trabalho como parte do lumpenproletariado), não são entendidas como potenciais sujeitos de transformações sociais.

Pensando nas implicações dessa composição do movimento para seus avanços e suas dificuldades, uma militante, presente no movimento desde seu início, assinala que, entre os trabalhadores que formam a base do movimento, as concepções de trabalho e de mundo são bastante distintas daquelas das lideranças, com implicações para o diálogo entre os dois grupos (cada qual, por sua vez, também heterogêneo).

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

Então desde o início, eu diria que 90% das pessoas com que nós articulamos [...] não era de pessoas que vinham da disciplina do trabalho, da disciplina do trabalho na fábrica, mas pessoas desenraizadas, pessoas deslocadas, pessoas até que fizeram tudo pra sobreviver, pra manter a sobrevivência. [...] Eu acredito que nós, no primeiro ano, já nos demos conta de que as pessoas que se agregavam no movimento eram pessoas desumanizadas, coisificadas, alijadas do trabalho, sem essa disciplina, portanto a organização era muito mais difícil. A compreensão do que é coletivo e do que é público é uma compreensão muito rasa: “se isso aqui é coletivo, é meu, então eu faço o que eu quiser com isso, inclusive eu posso destruir”. Então esse processo de [que] não, o que é coletivo, todo mundo tem que cuidar, todos temos direitos e deveres – isso tudo é uma construção muito difícil (Militante do MTD, informação verbal).

Divergências nas formas de pensar existem em qualquer agrupamento humano. Mas quando as concepções e os objetivos das pessoas que compõem a base e das pessoas que participam da direção do movimento social ficam muito alheadas umas das outras, evidenciam-se problemas de identidade no seu interior.

As “fortes tensões de distanciamentos entre sujeitos da base, os educadores(as) e a direção” expressam-se, na fala de pessoas que formam a base do MTD, no tratamento dos espaços coletivos sob o pronome “eles”, como percebeu Machado (2009, p.114). São alguns exemplos as frases de pessoas da base sobre o movimento, reunidos pela autora: “eu até participo da luta *deles*” ou “eu até ajudo os guris lá no casarão³”; ou ainda: “Entrevistadora: O que o senhor acha que é o movimento? Entrevistado: Eu penso que *eles* querem ajudar as pessoas que não tem, assim que nem eu, né?” (grifos nossos).

Tais contrastes entre direção e base se refletem em práticas cotidianas do movimento. É o caso da organização de vários grupos de produção planejados para ter por base o trabalho coletivo, os quais enfrentam sérias resistências dos trabalhadores.

Era um grupo de mulheres que produziam em duas linhas, eram roupas pras crianças e toalhas, produziam, bordavam. Era um grupo que tinha muita habilidade, não foi por falta de habilidade que acabou. Na minha avaliação, o grupo não dá conta porque a gente não conseguiu fazer um acompanhamento suficiente pra resolver as questões de relação e aí termina o grupo. Então a gente teve essas duas experiências, do tijolo que deu problema e não teve continuidade e desse grupo. E teve um outro grupo que se organizou pra produzir fraldas, e aí teve um problema também, não só a relação como a própria comercialização, de não ter feito uma análise suficiente de toda a cadeia desde a produção até a comercialização, e isso permanece ainda no movimento, o problema da

³ O casarão é o espaço de formação e reuniões do MTD-RS, localizado no assentamento de Gravataí.

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

comercialização [...]. Então nós vamos nos dando conta que as pessoas que sempre resolveram o seu problema de vida individualmente, da forma que dava, inclusive se fosse necessário passar alguém pra trás, passando pra trás, não têm uma mudança mágica. [...] Quem vai fazer a transformação é um longo processo de educação. Então nós vamos nos dando conta que a gente nasce com um idealismo muito grande, muito idealistas no processo e isso atrapalha porque nós não conseguimos, os recursos humanos muito poucos, sempre foram, e transformar uma pessoa em militante [...] E o movimento da consciência, ele é um movimento processual, de educação constante, e bastante lento (Militante do MTD, informação verbal).

Esta não é uma questão que diz respeito apenas ao MTD. Outras experiências de cooperativismo, por exemplo, em assentamentos rurais ou em projetos urbanos de economia solidária⁴, ressentem-se de dificuldades semelhantes. Elas refletem uma onda geral de individualismo presente nas sociedades contemporâneas, como percebeu uma militante do MTD:

A gente já fez várias experiências [de trabalho coletivo], umas até meio forçadas. Então vamos lá, coletivo e não sei o que, só que daí é coletivo, isso aqui tudo é nosso, mas aí eu vou lá, me boto no serviço, trabalho, puxo, e a [outra pessoa] vai lá e fica meia hora escorada na enxada, daí ela arranca um matinho aqui e não sei quê, mas aí no final, na divisão, ela quer ser tratada igual. Aí aquele que se arrebitou não vai aceitar isso. Então o coletivo, obviamente pela iniciativa romântica, nós começamos aqui socialistamente, tudo coletivo, tudo lindo, mas esse grau de coletividade, ele não vem, ele não é de lá pra cá, ele é daqui pra lá. Primeiro você tem que entender isso, na tua cabeça isso tem que estar posto, e de tal modo que isso seja tranquilo pra você, não é uma coisa imposta, não é uma coisa tecnicamente comprovada que é melhor, não basta isso, tu também tem que desejar e querer fazer isso. [...] E nós, de modo geral, a sociedade está noutra, noutra história, que não é essa de se respeitar, não é essa de se entender. É essa de “ou tu anda ou sai do caminho” (Militante do MTD, informação verbal).

No que se refere à falta de identidade de uma parcela da base com a liderança do movimento, outros problemas vão surgindo, em alguns núcleos e assentamentos. É o caso de ofertas de venda e aluguel de lotes do assentamento e de apoio de moradores do assentamento, em troca de vantagens materiais, a ocupações de áreas de produção por pessoas de fora.

Esse tipo de problema, relativo às ocupações, ocorrido em Gravataí, pode estar ligado, como afirmam alguns militantes, a dificuldades de estabelecer uma liderança efetiva. Para nossos

⁴ Dificuldades experimentadas em empreendimentos econômicos que procuram se basear em produção e decisão coletiva, autogestão e participação democrática, são analisados, sob diversos ângulos, em vários textos, tais como Medeiros (1994), Pires (2009) e Vilasboas (2010).

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

propósitos, o que interessa é pensar essa questão pelo ângulo das relações que se estabelecem entre os membros do movimento a partir das tensões de suas visões e propostas.

Pelo que pudemos ver, muitas pessoas aproximam-se do movimento, não porque comunguem, a princípio, com seus ideais de trabalho emancipado, os quais talvez nem estejam em seus pensamentos e preocupações. Muitas pessoas aceitam fazer parte do movimento porque querem resolver seu problema concreto, importante e urgente, que é a falta de um trabalho remunerado que lhes garanta a satisfação de necessidades. Por ser uma oportunidade de vir a trabalhar, e não necessariamente por ser uma proposta de trabalho diferenciada, é que muitas pessoas aceitam essa opção. Muitas vezes, elas precisam das cestas básicas, que conseguem a partir das reivindicações do movimento. Sem terem necessariamente identidade com o movimento e uma consciência transformadora, elas aceitam participar das reuniões e ações, mas por um mecanismo que leva ao risco de assumir uma forma clientelista, quando as pessoas veem nessa participação apenas uma troca que lhes dá a chance de suprir necessidades imediatas.

Está dado aí um enorme desafio para o movimento. Em que medida o trabalhador que adere por causa da cesta básica a que pode fazer juz não está se inserindo em uma nova relação de subordinação? Uma resposta a isso está no caráter educativo, de formação de consciência que se processa ao longo das reuniões e formações dos núcleos: as pessoas não têm uma consciência “pronta” para todo o sempre, mas uma consciência que se transforma no processo de luta. Ao se transformar por meio desse processo, as pessoas podem criar uma identidade nova pela sua participação. Mas supondo que esse processo não atinja a todos igualmente e que haja pessoas – como de fato há evidências – que permaneçam no movimento pelos seus objetivos práticos, mas não pela identificação com o mesmo, resta a questão: em que medida o movimento se encontra cindido em sua identidade e em que medida isso é prejudicial não só à reprodução do movimento, mas também ao seu caráter transformador? Em que medida não só as pessoas que participam da base do movimento devem se transformar pela educação, mas o próprio processo de interação educativa pode mudar as características da direção do movimento?

Considerações finais

Uma questão essencial perpassa os problemas cotidianos enfrentados pelo MTD-RS: as motivações de seus membros para a participação no movimento. Impulsos distintos para essa

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

escolha refletem a diversidade das pessoas, o que é absolutamente normal. Mas as diferenças podem se tornar prejudiciais aos intentos do movimento social caso elas se refiram a uma grande diferença de objetivos. No caso do MTD-RS, percebe-se uma diferença gritante de motivação entre, de um lado, os militantes que dirigem o movimento – que o fazem prioritariamente em nome de uma luta por justiça social, a partir de uma concepção crítica ao capitalismo e às relações de trabalho assalariado que lhe são subjacentes – e, de outro lado, a maior parte da base – que parece ver a luta pela sobrevivência como prioridade e que, tantas vezes, têm como ideal justamente o emprego com carteira assinada, como fonte almejada de inserção social.

Até que ponto essas diferenças são prejudiciais ao movimento? A rotatividade dos participantes, em função da desistência do movimento em favor de outras oportunidades de trabalho, pode fazer apenas com que mudem as pessoas, sem que o movimento se desfça. Mas a questão central, nesse assunto, talvez seja a que se refere à identidade dos participantes com o movimento e com os seus objetivos. Importantíssimas para a para o sucesso ou fracasso dos objetivos elencados pela direção do movimento são as diferenças nas concepções de mundo e de trabalho que existam em relação à sua base. Dessas divergências, surgem conflitos em torno da organização do trabalho, sendo o trabalho coletivo um ponto de discórdia fundamental.

O lapso entre o que os trabalhadores que entram para o movimento social esperam dele e o que encontram no movimento já em curso pode levar a interpretações distintas dos mesmos eventos. Por exemplo, a necessidade de participar das ações coletivas e das reuniões para ter acesso às cestas básicas conseguidas pelo movimento é encarada pela direção como um aprendizado de que é por meio da luta coletiva que se conseguem direitos, só tendo acesso a estes aqueles que participaram dos embates; mas a leitura de pessoas da base pode ser a de que a participação nas ações coletivas é uma moeda de troca para as tais cestas, numa relação de trocas de favores. De modo semelhante, regras como o trabalho coletivo, se impostas como condições para participar de certos empreendimentos, podem ser interpretadas como uma exigência da mesma espécie que os mandos patronais numa relação de trabalho remunerado típica da sociedade capitalista, ainda que as razões da direção do movimento sejam opostas.

Em função desse tipo de divergência de avaliação, a direção do MTD-RS investe pesadamente seus esforços no processo de formação política da base. Quanto a isso, torna-se necessário pensar em que medida tais ações educativas são promovidas apenas no sentido de educar a base para uma nova forma de ver as relações de trabalho e para as vantagens de um

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

trabalho menos alienado ou explorado, e em que medida se dá no sentido de um diálogo aberto inclusive a repensar os objetivos do movimento a partir dos anseios da base.

Em que pesem todas as dificuldades, uma luta coletiva de trabalhadores desempregados tem se mostrado possível, pela trajetória desenvolvida em mais de uma década, desde os primeiros esforços pela formação do Movimento de Trabalhadores Desempregados do Rio Grande do Sul até o presente momento. Para além das conquistas reais obtidas pelo movimento (das emergenciais cestas básicas às transformações mais permanentes na vida de dezenas de famílias de trabalhadores, a partir de experiências de assentamentos rurais ou rururbanos e grupos de produção), constata-se em depoimentos de vários de seus membros o orgulho de ser sujeito ativo na definição dos rumos da própria vida, a reconstrução de mecanismos de solidariedade e a ressignificação da identidade de trabalhador desempregado por meio do pertencimento ao movimento.

AMONG DIFFICULTIES AND OVERRUNS: THINKING THE COLLECTIVE STRUGGLE OF UNEMPLOYED WORKERS FROM THE FORMATION OF A SOCIAL MOVEMENT

ABSTRACT: *This article presents an analysis of difficulties and potentialities for the performance of an unemployed workers movement and workers in precarious working conditions, from a qualitative research with the Movimento de Trabalhadores Desempregados do Rio Grande do Sul (Unemployed Workers Movement of Rio Grande do Sul), taking into account the historical context of their training and development, the motivations of its activists(,) its base and the characteristics of its members.*

KEYWORDS: *Employment. Unemployment. Unemployed workers. Class struggle. Social movement.*

REFERÊNCIAS

FERRAZ, D. L. S. **Desemprego, exército de reserva, mercado formal-informal:** discutindo categorias. 2010. 275f. Tese (Doutorado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento:** a gramática atual dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.

LEITE, M. P. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: LEITE, M. P.; ARAÚJO, A. M. C. (Org.). **O trabalho reconfigurado:** ensaios sobre o Brasil e o México. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009. p.67-94.

Entre dificuldades e superações: pensando a luta coletiva de trabalhadores desempregados a partir de um movimento social

MACHADO, R. C. F. **Demitidos da vida:** quem são os sujeitos da base do movimento dos trabalhadores desempregados? 2009. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MEDEIROS, L. et al. **Assentamentos rurais:** uma visão multidisciplinar. São Paulo: Ed. da UNESP, 1994.

PIRES, A. S. **Autogestão, economia e gênero:** as trabalhadoras de cooperativas incubadas da cidade de São Carlos. 2009. 160f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

THOMPSON, E. P. **Tradición, revuelta y consciencia de clase:** estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

TOURAINÉ, A. Na fronteira dos movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v.21, n.1, p.17-28, jan.-abr. 2006.

_____. **Podremos vivir juntos?** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1997.

VILASBOAS, J. P. O. **Economia solidária, relações de trabalho emergentes e a configuração de novas identidades.** 2010. 189f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.